# SENSIBILIZAÇÃO DE ESTUDANTES DO ÚLTIMO ANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O USO DE BRAILLE EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Clélia M L Nóbrega, mestranda do CMPDI – UFF, clelian@id.uff.br

Vera Lúcia Prudência Caminha, Doutora, UFF, veraprudencia@id.uff.br

Paulo Roberto de Souza Ramos, Doutor, UFRPE, paulo.rsramos@ufrpe.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Braille; sensibilização.

# INTRODUÇÃO

A Lei federal N°10098 de 2000 estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e, através da Lei N°13.146 de 2015, incluiu o uso de tecnologia assistiva ou ajuda técnica a essas pessoas. A partir do meu interesse sobre esse aspecto do uso da tecnologia assistiva que, após uma aula na disciplina de Tecnologia Assistiva onde nos foi apresentado um produto parao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense, o qual consistia em uma caixa com luzes para ensinar Braille a videntes, que tive a ideia de tentar, através de uma atividade lúdica, introduzir algo parecido para meus estudantes do ano final da Educação Infantil em um colégio particular como professora de língua inglesa. Por que não tentar mostrar, já que Braille é um sistema universal, que podemos praticar algumas palavras em inglês também? Sendo assim, as crianças foram indagadas a respeito da possibilidade de crianças cegas ou com baixa visão serem capazes de ler. As respostas variaram entre não, “não sei”, “acho que não” e “sim,com aqueles pontinhos”.
Tal resposta era o esperado por mim para instigar a curiosidade dos alunos. Muitos disseram já terem visto os tais pontinhos no elevador de suas moradias, no shopping, e até em um livro, e que sabiam que os cegos usavam os dedos “para ler”. A atividade teve o objetivo de conscientizar os alunos a respeito de diferenças de realidade existentes entre os aprendizes da língua inglesa.

METODOLOGIA

Os estudantes participantes deste relato de experiência receberam ensinamentos básicos a respeito do que é Braille. A linguagem utilizada foi sempre acessível à faixa etária dos alunos em questão; assim, lhes foi explicado que os pontinhos eram um código, como uma mensagem secreta e tinham o nome de seu inventor, Braille. Em seguida, foi explicado que o sistema Braille é um código de leitura e escrita que usa as pontas dos dedos e permite que pessoas com deficiência visual possam ler e escrever. Os alunos foram perguntados se as pessoas que enxergam,conseguem ler Braille. Novamente os estudantes ficaram em dúvida e, quando lhes foi dito que era possível, ficaram fascinados.

Primeiramente o alfabeto em Braille foi projetado no quadro da sala e houve uma breve explicação sobre como pessoas videntes podem aprender o“código secreto” de seis pontinhos enfileirados de dois a dois simbolizando cada letra do alfabeto. Os alunos praticaram escrever os próprios nomes utilizando o código representado com as seis bolinhas. Eles deveriam olhar o alfabeto projetado e colorir as bolinhas que significam as letras necessárias paraa escrita do nome. Como segunda tarefa, as crianças deveriam tentar escrever o nome do colega sentado ao seu lado, novamente colorindo as bolinhas enfileiradas em pares representativas das letras necessárias. Após escrever o nome do colega,a criança ia em frente ao alfabeto projetado para conferir sua tentativa.
A terceira tarefa consistiu em pegar uma das palavras em inglês de uma lista que a professora colocou no quadro e escrevê-la em Braille.A última tarefa foi, em pares, escolherem um nome de colega ou palavra qualquer da lista oferecida, escrevê-la em Braille e ver se alguém conseguia decifrar a palavra escrita. Por fim, algumas crianças se mostraram tão motivadas e envolvidas no aprendizado que conseguiram memorizar as letras do alfabeto e serem capazes de acertar o desafio do seu par.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O uso de ludicidade no ensino da língua inglesa para estudantes na faixa etária em questão exerce grande potencial de interesse (Martins, 2015).
Segundo a oftalmologista especialista em visão subnormal, Gláucia Matos, “o Braille é um sistema universal que independe de idioma.Além disso, ele faz parte do processo de alfabetização das crianças. (...) O surgimento do Braille deu às pessoas com deficiência visual a oportunidade de inclusão social e acessibilidade a muitas coisas”. Os leitores de tela ou a IA, por exemplo, têm sua importância, mas nada substitui o aprendizado do sistema Braille para os cegos ou pessoas com baixa visão.A atividade idealizada teve como resultado expressivo a sensibilização das crianças em relação à existência e uso do Braille, além de demonstrarem entusiasmo em ter aprendido algo tão diferente de sua rotina escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino,ou mesmo a sensibilização a uma segunda língua, quando conectado com algo lúdico, tende a envolver os estudantes, especialmente na Educação Infantil. Igualmente, quando assuntos da realidade, muitas vezes desconhecidos pelos alunos pode ser abordado dentro cdo currículo, a chance de conscientização do processo de inclusão pode ser viabilizado. Espera-se que essa simples experiência tenha propiciado uma noção sobre diferentes realidades educacionais da nossa sociedade e que os alunos da Educação Infantil comecem a ter consciência da necessidade de que todos sejam incluídos e acolhidos no convívio escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/

MARTINS, Viviane Lima. O lúdico no processo ensino-aprendizagem da língua inglesa. Revista Científica Intraciência Guarujá–SP. Edição, 2015.

em:https://uniesp.edu.br/sites/\_biblioteca/revistas/20170531134517.pdf

NUNES, Bethânia. O braille vai acabar? Deficiente visual conta como a IAajuda na rotina. Metrópoles. 2024. Disponível em:https://www.metropoles.com/saude/braille-deficiente-visual-como-ia-ajuda-na-rotina, Metrópoles,2024.